

EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

é publicada três vezes por ano pelo
CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS
Rua Voluntários da Pátria, 107 — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor — Anísio S. Teixeira

Diretor Executivo — Péricles Madureira de Pinho

Coordenador da Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais — Jayme Abreu

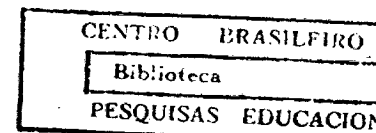
Coordenador da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais — Darcy Ribeiro

Coordenador da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério — Lúcia Marques Pinheiro

Coordenador da Divisão de Informações Pedagógicas — Elza Rodrigues Martins

EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

SUMÁRIO



EDITORIAL	3
ESTUDOS E PESQUISAS	7
✓ <i>Necessidade imperiosa de reconstrução de uma Filosofia da Educação</i> — Theodore Brameld	7
✓ <i>O conceito de cultura</i> — Leslie A. White	17
✓ <i>A industrialização e a crescente responsabilidade da Escola</i> — Beatriz Osório	57
✓ <i>John Dewey: Uma Filosofia da Experiência</i> — Newton Sucupira ..	73
DOCUMENTAÇÃO	
<i>Conselho de Educação Superior das Repúblicas Americanas</i>	96
<i>Universidade de Brasília</i>	99
<i>Movimento Popular de Alfabetização do Estado do Rio de Janeiro</i> ..	100
<i>Ensino no Brasil</i>	105
<i>Noticiário do CBPE</i>	116
<i>Centros Regionais de Pesquisas Educacionais</i>	121
<i>Relação das Publicações da UNESCO recebidas pelo CBPE</i>	131

que se oponham a tal medida, se é que se pretende realmente levar a cabo a completa reconstrução educacional tão insistentemente reclamada pelo progresso da civilização.

BIBLIOGRAFIA

DEWEY, JOHN. *Democracy and Education: An Introduction to the Philosophy of Education*. New York, Macmillan, 1935. 434 p.

KIMBALL, SOLON. "Problemas e Pesquisas Educacionais." *Educação e Ciências Sociais*, vol. 3, n° 9, p. 65-81.

LOURENÇO FILHO, M. B. Notas de aula: *Psicologia Educacional*. Faculdade Nacional de Filosofia, Rio. 2ª série de Pedagogia, 1946.

TEIXEIRA, ANÍSIO. *Educação Não É Privilégio*. Rio, Livraria José Olympio, 1957, 146 p.

TEIXEIRA, ANÍSIO. *Educação Progressiva: Uma Introdução à Filosofia da Educação*. S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1934. 210 p.

TEIXEIRA, ANÍSIO. "A Escola Brasileira e a Estabilidade Social." *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, vol. XXVIII, n° 67, p. 3-29.

WYNNE, JOHN P. *Philosophies of Education: From the Standpoint of the Philosophy of Experimentalism*. 2nd ed. New York, Prentice-Hall, 1950. 427 p.

John Dewey: Uma Filosofia da Experiência

É um testemunho bem significativo da força e vitalidade do pensamento de John Dewey que, ao comemorarmos o centenário de seu nascimento, o grande filósofo americano se imponha diante de nós, não apenas como uma figura já consagrada na história do pensamento, mas como um pensador atual de nosso tempo, signo de contradição entre os espíritos e sua doutrina, ponto crucial de apaixonadas controvérsias. E porque o impacto revolucionário de suas idéias filosóficas, pedagógicas e sociais sobre sua época não amorteceu ainda, falta precisamente essa distância no tempo que é a condição necessária para emitir-se um julgamento sereno e equilibrado sobre a significação e alcance de uma obra verdadeiramente excepcional como a sua. Por isso mesmo, Dewey continua a ser ainda uma grande figura controversa de nossos dias, suscitando os juízos mais contraditórios. Assim, enquanto discípulos e admiradores entusiastas o elevam ao mesmo nível de Platão e Aristóteles, um filósofo da responsabilidade intelectual de Bertrand Russel caracterizava sombriamente seu pensamento com uma filosofia do poder, um

exemplo a mais daquela embriaguez destrutiva que invadiu a filosofia com Fichte e constitui o grande perigo de nosso tempo. Se de uma parte seguidores incondicionais vêm na sua obra os princípios para uma solução adequada dos conflitos e desajustamentos que dilaceram o homem moderno, doutro lado muitos de seus críticos acusam-no de se achar vinculado ainda ao individualismo caótico de uma cultura desintegrada Protestante-Capitalista. Isto sem falarmos dos adversários tendenciosos e simplistas que pretendem responsabilizar Dewey por todos os desacertos e deficiências da educação americana atual. Semelhante conflito violento de opiniões sobre sua obra torna deste modo extremamente difícil e delicada a tarefa de uma conferência comemorativa, a qual não desejaríamos fosse nem um discurso laudatório nem um ensaio de crítica. Mas, como acercar-nos de Dewey assumindo o ponto-de-vista neutro do historiador da filosofia? Trata-se, na verdade, de um pensador demasiadamente contemporâneo para ser encarado na perspectiva do passado, de modo que assim possamos colocar-nos acima ou à margem do embate apaixonado de opiniões que sua obra suscitou e suscita ainda. Sua filosofia, toda ela nascida dos problemas concretos que angustiam nosso século, filosofia eminentemente "engagée", que quis sempre ser participante, e não apenas especulativa, toca-nos muito ao vivo para ser objeto de uma valoração rigorosamente imparcial. Sabe-se como sua obra pedagógica continua a provocar as reações mais contraditórias. Mas, qualquer que seja o julgamento que se forme sobre a significação da obra de Dewey; cremos que todos se encontrarão de acordo em reconhecer que ele é incontestavelmente a maior expressão do pensamento filosófico americano e que imensa foi a influência de sua filosofia educacional em seu país e no estrangeiro. Por outro lado, não se poderá duvidar dos nobres propósitos de um filosofar todo ele voltado para os problemas humanos e animado da mais profunda fé no valor do homem e na sua capacidade de realização, mesmo que se rejeitem os princípios que informam toda sua concepção filosófica. Diante de tal filosofia, importa-nos antes de tudo um esforço de compreensão crítica que nos permita apreender o verdadeiro sentido de sua

mensagem e a fecundidade de sua contribuição para a solução dos problemas concretos da existência humana. É, pois, animado desta intenção que nos propomos a abordar sua filosofia nesta homenagem comemorativa de seu centenário.

Mas a obra de Dewey se apresenta tão vasta e multiforme, se alonga e ramifica numa tal quantidade de escritos, e constitui um marco tão importante na história do pensamento moderno, que não nos é possível, nos limites de uma conferência, avaliar devidamente todo o seu alcance e significação e nem mesmo traçar uma síntese de seu pensamento que o abranja em toda a sua complexidade. Contentar-nos-emos em desembaraçar certas de suas idéias centrais e a orientação geral de seu filosofar. Toda filosofia verdadeiramente original e criadora, como bem viu Bergson num texto famoso, nasce de uma intuição fundamental, alguma coisa de simples que é a fonte geradora de toda doutrina e que representa o que há de absolutamente original em todo grande filósofo. É esta intuição que dá unidade orgânica à doutrina, de tal modo que "as diversas partes do sistema se interpenetram como num ser vivo." A filosofia de Dewey, apesar da multiplicidade de seus aspectos e de suas possíveis inconsistências, manifesta uma profunda unidade que provém, não de uma articulação dialética ou formal, mas de uma mesma intuição originária e uma intensa convicção espiritual, que fazem com que todos os seus desenvolvimentos não sejam mais do que a expressão dessa intuição diante de cada problema particular. Em vista desta íntima articulação vital, nenhum de seus temas especializados ou nenhuma de suas soluções particulares podem ser plena e integralmente compreendidos sem referência ao ponto-de-vista unitário e pessoal que os funde todos numa unidade organicamente sistemática. É neste sentido que podemos falar de um sistema filosófico de John Dewey. É ele próprio, em escrito dos últimos tempos, admitindo a necessidade de articular os diversos problemas e hipóteses numa perspectiva determinada, confessa expressamente que possui um sistema, reconhecendo, aliás, a necessidade do sistema em filosofia. A nossa tarefa, portanto, será a de traduzir o sentido essencial de sua posição, procurando apreender essa perspectiva fundamental que

confere unidade a seu pensamento e lhe dá o cunho de originalidade. Isto quer dizer que nos limitaremos ao aspecto especificamente filosófico de sua obra. Mas, ao me restringir ao estudo de sua filosofia pura, afastando assim sua problemática especialmente pedagógica, pela qual ele é mais universalmente conhecido, antevejo desde já as possíveis objeções provenientes de filósofos educacionais contra esta limitação intencional que para muitos poderia parecer arbitrária. Não é verdade que em Dewey a teoria educacional não é simplesmente fundada em sua filosofia geral, mas as duas são fundamentalmente idênticas? Não afirmou ele em seu clássico "Democracy and Education" que a filosofia pode mesmo ser definida como a teoria geral da educação? Como, pois, referir-se à obra de Dewey, encarando-a em seu aspecto estritamente filosófico? Não seria este ponto-de-vista frontalmente contrário à intenção essencial de seu pensamento? Para justificar nossa posição, torna-se necessário um exame do sentido de sua definição da filosofia acima citada, para evitar os equívocos que ela pode acarretar da parte de educadores muito apressados em passar à prática. Segundo acentuava recentemente Martin Dworkin, com certa ironia, a definição de Dewey apelava diretamente para a consagrada relutância americana em teorizar. Era como se fosse um convite a um filosofar "by doing", do que mesmo pelo pensamento. Ora, quando se considera que Dewey conceituava a educação como o processo da formação humana da maneira mais plena e compreensiva, vê-se que sua fórmula não se afasta tanto assim de certa orientação tradicional de se conceberem os objetivos do filosofar. Kant, por exemplo, depois de reduzir os problemas filosóficos às quatro questões fundamentais: Que posso conhecer? Que devo fazer? A que posso aspirar? Que é o homem? notava que a quarta questão englobava as três outras. Isto quer dizer que o homem é o problema central da filosofia e que, portanto, a antropologia se torna o núcleo de todo o filosofar. E, na verdade, a preocupação constante e única do filosofar de Dewey é o problema antropológico em toda sua extensão. Mas como para ele a filosofia era na realidade uma "quest for wisdom", um instrumento de crítica e um método de vida, e não um saber

puramente especulativo, sua filosofia do homem não poderá deixar de ser ao mesmo tempo uma teoria da formação humana, ou seja, uma filosofia da educação. Se o pensamento é um instrumento de ação, e a filosofia é ao mesmo tempo a forma por excelência do pensamento crítico e um método de conduta, pensar o homem implica do mesmo modo pensar a sua formação, desde que o homem é um ser que se autoconstitui. Daí por que a filosofia, enquanto pensa o homem e seu processo de formação, é ao mesmo tempo uma teoria geral da educação. Mas, como elaborar uma teoria da formação humana sem uma filosofia do homem, e como este pode ser pensado sem ao mesmo tempo pensar-se sua inserção no universo? Uma teoria da formação humana está assim a exigir necessariamente uma metafísica implícita ou explícita. Dewey, que foi antes de tudo um filósofo consumado, não poderia fugir à regra, e por isso mesmo nos deixou uma metafísica na qual se insere sua teoria pedagógica. Não importa que na gênese de sua obra a doutrina educacional tenha sido totalmente formulada antes que se completassem as grandes obras que compendiam o essencial de sua metafísica, "Experience and Nature", "Quest for Certainty", "Art. as Experience" e "Logic, the Theory of Inquiry". O fato é que Dewey parte da filosofia pura para chegar à educação. Antes de Chicago, Dewey desenvolve uma atividade puramente filosófica, seja como professor universitário ou como ensaísta. A sua grande experiência pedagógica, consubstanciada na Escola Experimental da Universidade de Chicago, no período que vai de 1896 a 1904, é conduzida não por um puro educador, mas por um filósofo seriamente preocupado pela sorte do homem. É da fase de Chicago, que deu "School and Society" e "My pedagogical creed", que provêm igualmente os "Studies in Logical Theory", depois reproduzidos no livro "Essays in experimental logic", em 1916, e que já nos apresentam os lineamentos básicos de sua metafísica da experiência e de seu método empírico de filosofar. Esta fase, tão importante para a formação de sua doutrina pedagógica, é também particularmente fecunda para a sua carreira filosófica, porque aí Dewey lança as bases de uma corrente filosófica, ainda conhecida como a escola de

Chicago. Aliás, nota Morris Cohen, Dewey é o único americano a estabelecer uma nova escola filosófica. É bem verdade que, em sua obra, experiência pedagógica e filosofia se alimentam reciprocamente. Mas, se na gênese concreta do pensamento de Dewey a sua experiência educacional representa um papel de grande importância na elaboração de sua filosofia, isto não quer dizer absolutamente que esta não possua autonomia dentro da obra deweyana e, portanto, não possa ou não deva ser estudada independentemente da doutrina pedagógica. Pelo contrário, esta é que não se torna plenamente inteligível, a não ser inserida nos quadros de sua filosofia geral, porque é a noção filosófica de experiência que lhe dá sentido. Se fôssemos acompanhar a formação e o desenvolvimento da obra de Dewey, seguir o itinerário e as "démarches" de seu pensamento veríamos que, em nenhum momento a elaboração da teoria pedagógica se fez à margem da reflexão filosófica, sendo que na última fase é a filosofia pura que constitui o centro das preocupações do pensador. No entanto, foi o educador que se tornou muito mais conhecido e divulgado do que o puro filósofo. Daí porque, como salienta Dworkin, muita coisa do último pensamento de Dewey em filosofia foi ignorada por muitos de seus mais ardentes seguidores em educação, enquanto tem atraído estudos aprofundados da parte de filósofos que não o tinham tomado antes a sério, precisamente por causa de seu interesse em educação. Mas, não poderá compreender a doutrina educacional de Dewey em toda sua significação quem não tiver apreendido os princípios básicos de sua filosofia. Porque, para usarmos de suas próprias palavras, qualquer teoria em matéria social ou moral, que não se encontre fundamentada numa filosofia compreensiva, será tão-somente projeção de arbitrária preferência pessoal. Daí justificar-se perfeitamente que nos limitemos à parte essencialmente filosófica de sua obra, não somente pela importância que Dewey assume como puro filósofo na história do pensamento moderno, mas também porque o estudo de sua filosofia é uma condição necessária para uma plena compreensão de suas doutrinas educacionais.

Costuma-se geralmente caracterizar a filosofia de Dewey como sendo um naturalismo, um pragmatismo, um instrumentalismo, um experimentalismo segundo a designação que foi posta em voga por um de seus discípulos, John Childs. Não resta dúvida que o sistema de Dewey é tudo isso, mas não é menos certo que tais etiquetas poderiam também qualificar outras filosofias. Tais categorias só por si são muito gerais para definir toda a originalidade de um pensamento. Porque se sua filosofia é realmente um naturalismo, este termo é demasiado vago para destacar o essencial e peculiar de sua posição. Sabemos que variadas são as espécies de naturalismo na história da filosofia. Mesmo que restringíssemos este conceito, definindo-o à maneira de um seu discípulo, Sidney Hook, como a atitude filosófica que consiste na aceitação incondicional do método científico como o único meio válido de alcançar verdades sobre o mundo, a sociedade e o homem, ainda assim esta definição valeria não apenas para o sistema deweyano, mas para muitos outros do tipo positivista clássico e moderno. Pragmatistas o foram também Peirce e James, enquanto o mesmo Dewey procurou sempre precisar em que seu pragmatismo diferia destes dois pensadores americanos. Além disso, Dewey, num de seus últimos livros, a "Lógica", se mostra pouco satisfeito com o uso deste nome. Instrumentalismo, de fato, traduz um aspecto bem característico de seu pensamento, porém induz a conotações que podem conduzir a falsas interpretações, tais como a pensar que sua lógica instrumental levaria necessariamente a considerar o pensamento como um simples meio para atingir fins utilitários e materialistas. Experimentalismo na medida em que significa uma filosofia da experiência, um uso sistemático do método empírico e científico em filosofia, não bastaria somente para definir em toda sua originalidade a filosofia de Dewey. Não resta dúvida que o deweyanismo é primeiro que tudo uma metafísica da experiência. Mas, muitas outras doutrinas modernas pretendem ser também uma metafísica da experiência integral. Esta análise terminológica serve mais uma vez para mostrar-nos que todas estas designações são cômodas para catalogar os sistemas na história da filosofia, mas que a única etiqueta em

ismo, que se pode aplicar com toda propriedade aos grandes filósofos, é aquela forjada de seu próprio nome. O que importa, pois, é considerar aquela idéia fundamental que constitui o eixo de toda a sua filosofia, o fato primitivo que serve de ponto originário, central e envolvente, e que dá sentido e inteligibilidade a todos os seus desenvolvimentos e aplicações. Esta idéia central, como vemos expressamente afirmada em Dewey, é a noção de experiência pensada em sua relação com a natureza. É, portanto, a análise da idéia de experiência que nos proporcionará a chave para a compreensão da essência de sua doutrina. Mas se a noção de experiência parece ser à primeira vista uma das mais claras, pois que em geral as doutrinas filosóficas se elaboram em nome da experiência, é fácil de ver o quanto ela encerra de equívoco, porquanto é também em nome da experiência que elas se combatem umas às outras. Donde se poder afirmar que a experiência não tem o caráter imediato e irrecusável que certas doutrinas pretendem atribuir-lhe. A experiência pura, longe de ser um dado imediato, é este fundo comum a partir do qual se construiriam as teorias, vêm a ser, não raro, uma construção teórica que se projeta sobre o dado. Ela é muitas vezes um produto do subjetivismo inconsciente pelo qual cada um identifica sua própria experiência com a experiência, seu pensamento com o pensamento. E apesar de, na filosofia moderna, este conceito haver assumido uma posição chave, o papel de categoria referencial de todo filosofar, permanece todavia um conceito ambíguo, dando lugar a interpretações diversas, exigindo assim uma clarificação prévia em face de seus múltiplos sentidos em contextos filosóficos diferentes. Dewey chamou certa vez o termo experiência de "weasel word", querendo significar com esta expressão uma palavra que destrói ou alui o conteúdo de um conceito, pela variedade de suas qualificações equívocas. Daí a necessidade de se precisarem alguns dos sentidos que ela tem assumido na tradição filosófica.

Uma primeira e mais comum significação de experiência designaria todo saber que adquirimos no contacto direto com as coisas e que se constitui princípio de nossa atividade prática. Assim, por exemplo, quando falamos de homem experimentado

ou quando o poeta se refere ao "saber de experiência feito". A experiência neste primeiro sentido se distingue da ciência enquanto esta é um saber metódico, sistemático e universal das causas. Mas não se opõe à ciência porque esta, como é do consenso geral, deve apoiar-se sobre a experiência. Assim entendida, a experiência apresenta uma extrema riqueza de formas. Dêste modo, a noção de experiência é vasta como a própria atividade do espírito e, neste caso, como Brunschwig já observara, não há idéia contrária a uma noção tão vasta; não pode haver contrário senão a certas determinações da experiência. Ma, existe um sentido mais restrito e mais técnico que a idéia de experiência recebe no domínio filosófico. É quando se pretende designar por experiência o reino do imediatamente dado por oposição ao objeto que só podemos atingir por meio do pensamento puro. A experiência passa a significar um grau do conhecimento, inferior ao conhecimento racional. Nesta conceituação, dominada pelos dualismos, seja do sensível e do supra-sensível ou do racional e do empírico, experiência se refere à forma do conhecimento sensível que deve ser ultrapassada pelo conhecimento racional das essências. Platão, em passagem famosa do Fedon, lançava as bases dêste dualismo que haveria de persistir em toda metafísica ocidental quando afirmava a existência de dois modos de ser, um o visível, ou seja, o sensível, o outro o invisível, ou seja, o meta-empírico, isto é, o reino das essências puras que não se encontram afetadas de um relativo não-ser próprio da transitoriedade fugaz da realidade empírica. E se Aristóteles reabilitava de certo modo a experiência quando reconhecia que ela era a fonte dos princípios, considerava, no entanto, o objeto do conhecimento intelectual como sendo a realidade inteligível, a essência, que em si mesma não poderia ser apreendida pelos sentidos. Estabelecia-se assim uma relação de hierarquia entre conhecimento racional e experiência sensível que se tornaria uma das teses básicas de toda uma tradição racionalista ou simplesmente intelectualista. O problema do conhecimento filosófico consiste sempre em partir da empiria contingente para chegar ao meta-empírico necessário. Se no idealismo crítico de Kant fala-se de um "frutífero bathos da experiência", dado primitivo, informe,

mas origem de todo conhecimento, põe-se, todavia, um princípio de síntese transcendental, independente da experiência e que é a condição a priori de sua possibilidade. É verdade que, com o empirismo clássico, a experiência sensível se torna o tipo de conhecimento por excelência ao qual, em última análise, se reduzem todos os produtos do conhecimento intelectual. Mas, reduzido à experiência sensível, o espírito encaminha-se para um subjetivismo cujas conseqüências são um fenomenalismo do qual o exemplo clássico é o ceticismo de Hume, ponto terminal de um empiriscoerente que aceita tôdas as suas implicações.

Na filosofia moderna encontramos também uma nova posição do problema, de que resulta uma revalorização da experiência com pretendida superação do empirismo tradicional e de seu oposto, a atitude racionalista. Assim teríamos, por exemplo, a ampliação do conceito de experiência, no caso do neokantismo de Rickert, que se recusa a identificá-la com o mundo do simplesmente sensível, reconhecendo nela a existência de componentes não-sensoriais. Para êle, um empirismo autêntico não conduz necessariamente à conseqüências sensualísticas, e uma filosofia, que busca sua base no terreno frutífero da experiência, não precisa para isso restringir-se ao mundo das coisas concretas, espaciotemporalmente dadas. Existem objetos que nos são imediatamente dados na experiência vivida, portanto, experimentados e que todavia não são sensoriais, como ocorre na vivência dos valores. A experiência humana é assim o lugar da refração concreta de objetos não-sensoriais, tais, por exemplo, os objetos valiosos enquanto puros valores. Mais radical ainda é a conhecida posição de Bergson que, longe de opor experiência e metafísica, pretende justamente que a verdadeira metafísica se define como a experiência integral. Mas, Bergson nos dá uma inversão dos termos do dualismo clássico, sem contudo aboli-lo. Segundo o filósofo da duração, como é sabido, os objetos imutáveis da metafísica racionalista são uma construção de nossos conceitos e não a essência do real mesmo. Este há que ser apreendido numa experiência pura, numa intuição onde a intimidade essencial dos seres nos é dada em sua pureza originária, sem o intermediário esquematizante e deformador dos conceitos. Esta experiência

ultrapassa o domínio da realidade sensorial afirmada pelo empirismo, porque ela significa a realidade enquanto dada imediatamente, em si mesma, sem o anteparo do instrumental conceitual de que nossa inteligência se serve para manipular o real segundo as exigências de nossa ação prática. A experiência pura passa a ter um valor único porque nela se revelam as coisas em seu ser mesmo. Existe, portanto, uma experiência metafísica do real que não se deve confundir com a experiência sensível de que falam os empiristas, para opô-la ao metafísico supra-sensível. E assim, a experiência adquire a dignidade de um modo superior de apreensão metafísica do real, ignorada do filosofar racionalista e empirista. Esta breve análise parece o suficiente para se fazer uma idéia das diversas maneiras em que a experiência pode ser tratada enquanto conceito filosófico básico. Isto sem falarmos dos novos matizes que o conceito de experiência adquire nas filosofias ditas existencialistas. Um traço comum em tôdas estas concepções é a separação, o dualismo que se estabelece entre o mundo da experiência, considerada como o domínio do conhecimento sensível, e o mundo do conhecimento racional que atinge essências puras e imutáveis. É, de outra parte, a descontinuidade que se introduz entre a experiência e a natureza, entre a experiência, como realidade subjetiva, e o mundo das coisas extramentais; é a disjunção entre uma experiência, que é visão essencial, e a experiência de nossa atividade prática; entre a experiência pura, meio de acesso imediato ao ser das coisas, e a experiência científico-positiva destinada, segundo Bergson, à manipulação utilitária da realidade: é enfim, a dissociação entre a ordem teórica e a prática, atribuindo-se um valor máximo à contemplação em detrimento da atividade prática.

Ora, o que se torna característico da filosofia de Dewey é que, segundo êle, a noção de experiência, que é ao mesmo tempo ponto de partida e ponto de chegada de seu filosofar, permitiria transcender todos os dualismos que dividem as filosofias ocidentais, os quais se deveriam ao fato de que elas se afastam de uma maneira ou de outra do terreno da experiência. Daí estas oposições clássicas que têm caracterizado tradicionalmente a filosofia: o fenômeno e a coisa em si, o eterno e o temporal, o ser

e o *devenir*, o *inerte* e a *duração*, o *racional* e o *sensível*, a *teoria*, *visão imóvel das essências*, e a *prática*, *atividade inferior* que *hesita* e *tateia*, a *necessidade* e a *contingência* e tantos outros pares de opostos. O próprio empirismo, que pretendeu tudo reduzir à *experiência sensível*, não escapou ao dualismo do teórico e do prático, acentuando sobretudo o caráter cognitivo da *experiência* como *visão das coisas* e permanecendo ainda dominado pelo dualismo do *subjetivo-objetivo*. A idéia de *experiência* em Dewey tira sua originalidade da maneira ampla e compreensiva com que é concebida, o que possibilitaria, segundo ele, superar todos estes dualismos. O contínuo experiencial abrange todos os fatos que nos ocorrem em nosso viver, tudo o que nos afeta, todas as interações, todas as nossas vivências, o conhecimento sendo apenas uma das componentes de nossa *experiência total*. Noutra linguagem, que não é exatamente a de Dewey, diríamos que a *experiência* é o ponto de encontro do homem com o ser, em seu viver, pensar e agir. Primeiro que tudo Dewey distingue um encontro imediato com as coisas que consiste em "ter" uma *experiência* e um encontro cognitivo mesmo incoativamente reflexivo, que é a *experiência* em seu caráter propriamente noético, e que faz dela um saber consciente das coisas. Existe assim um caráter primário da *experiência* e neste sentido ela pode ser definida como a série dos acontecimentos, tudo o que é suscetível de ser denotado, assinalado, constatado, quaisquer que sejam a forma e o modo de constatação. Em seu modo mais genérico, poderá dizer-se também que a *experiência* significa toda a série complexa de transações que ocorrem entre o homem e seu ambiente. Assim como nos esclarece Dewey, no livro que nos dá a essência de sua metafísica "Experience and Nature", a *experiência* deve ser tomada em toda a simplicidade e universalidade, como a compreende o vulgar quando tem a *experiência* da doença e da prosperidade, do amor, do casamento e da morte. *Experiência* designa assim toda a tessitura de nossa existência, tudo o que é vivido, sofrido ou agido, feito ou contemplado, é ação e paixão. Ela se confunde com a própria vida na riqueza e complexidade de formas com que ela se apresenta. *Experiência* indica ainda o que é experienciado, o mundo

dos acontecimentos, das coisas e das pessoas e o ato mesmo de experienciar, (*experiencing*). Em seu aspecto secundário, a *experiência* denota principalmente o processo cognoscitivo e reflexivo. Não existe para Dewey a *experiência* como um conhecimento imediato e privilegiado que levaria o espírito a coincidir com a essência das coisas. Mesmo porque, para ele, não tem sentido o dualismo metafísico de aparência e realidade, de fenômeno e coisa em si, nem outro tipo de conhecimento válido além do conhecimento científico. Em sua concepção instrumentalista Dewey vê, ao contrário, no conhecimento, uma forma distinta da *experiência* imediata, que surge quando esta se torna problemática e conduz a sua solução. O imediato seria anóetico, não cognitivo ou pelo menos não reflexivo. O conhecimento é essencialmente ligação, discriminação, relação. O conhecimento se apóia sobre o imediato, mas não o penetra. O caráter primário da *experiência* é de ser não reflexiva; o lógico é apenas um dos ingredientes possíveis da *experiência*, a qual, como situação empírica, deve sua própria organização a um caráter direto, não lógico. Assim tomada em toda a sua extensão a *experiência* para Dewey transcende a mera apreensão cognoscitiva de uma situação. Experimentar uma situação implica um modo de participar da mesma ou ser afetado por ela onde o apreender cognitivo é apenas um de seus ingredientes. Mas, o imediatamente dado não goza de um status cognoscitivo privilegiado. O imediato, isto é, estas *experiências* qualitativas primárias são apenas o ponto de partida indispensável do conhecimento. Como dirá ele em sua "Lógica", a investigação sempre depende da presença imediata dos conteúdos existenciais, direta, mas não cognitivamente, experienciados. A *experiência* poderia ser assim demarcada em suas fases perceptuais e conceptuais. Na fase perceptual e imediata, aquilo que é dado é considerado enquanto emergindo da interação das coisas e organismos. E na conceptual ou mediata estes dados caracteres são ulteriormente vistos como material a ser utilizado pelo homem no prosseguimento da investigação; eles são selecionados no sentido de pertinência e de relevância, enquanto elementos na solução de situações problemáticas. Ainda em sua "Lógica", Dewey escreve: o que

é dado, no sentido estrito da palavra dado, é o campo total ou situação. O dado, no sentido singular, se objeto ou qualidade, é o aspecto especial, fase ou constituinte da situação existencialmente presente, que é selecionado para indicar e identificar seus traços problemáticos com referência à investigação a ser executada. Distinguindo esses dois aspectos vê-se que para Dewey a experiência não se restringe ao puro conhecimento nem se reduz ao subjetivo. Ela inclui a situação total com todos os seus ingredientes motivacionais, emocionais e cognitivos. Ela é essencialmente dinâmica, porque é antes de tudo um processus. Sendo assim, envolve situações de equilíbrio e desajustamento; donde a necessidade permanente para o homem de uma reorganização contínua da experiência, na qual o pensamento funciona antes de tudo enquanto método de investigação e ação. Desde que, no curso de seu processus, a experiência se apresenta como estável ou precária, determinada ou problemática, isto implica uma atividade contínua do homem no sentido de um ajustar-se que não cessa nunca. Toda rutura de equilíbrio acarreta uma indeterminação da situação, a qual, uma vez reconhecida, se torna problemática. O problema se apresenta na forma de uma dificuldade existencialmente experimentada que deve ser superada. É a problematicidade da situação, quando o sistema de hábitos não basta para resolvê-la, que suscita o aparecimento da ação inteligente, do pensamento reflexivo que transforma a situação problemática numa situação determinada. Isto é, promovendo uma reorganização da experiência de que resulta uma situação de equilíbrio e ajustamento. Isso é o que significa a asserção de Dewey segundo a qual todo pensamento é inerentemente prático em seu caráter e que envolve uma transformação existencial da situação original. Esta maneira de conceber primariamente a experiência humana em termos de uma relação entre ser vivo e ambiente em seu esforço contínuo de adaptação procede da influência decisiva que Darwin exerceu na formação de sua doutrina filosófica. Daí por que a concepção deweyana da experiência se ressentia de um certo biologismo que tem suscitado as mais fortes críticas. Mas seria errôneo supor que

em Dewey todos os tipos de experiência se reduziram pura e simplesmente ao processo biológico de adaptação. Pelo menos não seria esta a intenção expressa de seu pensamento. De certo caberia a questão de se saber até que ponto é possível superar o biologismo nesse contexto instrumentalista. Seja como for, ele reconhece que o ajustamento se processa em diferentes níveis e que o cultural constitui a emergência de um novo plano dentro da natureza, comportando formas de experiência novas e qualitativamente irreduzíveis, tais como a experiência estética, concebida enquanto uma expressão intensificada da experiência implicando algo de absolutamente genuíno. Já nos seus "Essays in experimental logic" encontramos esse texto que afasta qualquer interpretação grosseiramente utilitária de seu pragmatismo. Falando da experiência reflexiva, ele nos diz: enquanto o conhecimento reflexivo é instrumental para obter controle numa situação perturbada (e deste modo tem uma força prática e utilitária), é também instrumental para o enriquecimento da significação imediata de experiências subsequentes. E pode bem ser que este produto secundário, este dom dos deuses, seja incomparavelmente mais valioso para viver uma vida do que o resultado do controle primário e visado, essencial que seja esse controle para se viver uma vida. Por onde se vê que o caráter instrumental da experiência tem um sentido muito mais amplo e profundo do que o comumente biológico. Aliás, a maneira pela qual Dewey caracteriza a experiência estética, definindo-a como uma experiência que é final, que não excita nenhuma busca por alguma outra experiência, mas basta-se a si mesma, mostra bem que sua filosofia não pode ser identificada a um utilitarismo qualquer. O que Dewey não reconhece, em virtude de seu postulado naturalista, é a diferença ontológica de natureza entre os diversos planos da experiência.

A experiência é assim o fato primitivo da filosofia de Dewey, o ponto de encontro do homem com o ser em todas as suas formas. Ela se apresenta como uma totalidade existencial unificada, e ao mesmo tempo profundamente diferenciada, e é o ponto de partida de toda atividade e de toda investigação, seja

lógica, estética, metafísica ou moral. O que Dewey repele é tanto a concepção subjetivista da experiência, porque privilegia indevidamente o ato da experiência em detrimento do experienciado, como a concepção puramente cognoscitiva que estabelece uma disjunção entre o pensamento teórico e a atividade prática. Por outro lado, a experiência não constitui um gênero de atividade que pela sua subjetividade se opusesse à natureza. Para ele, o ato pelo qual eu tenho a experiência das coisas, da natureza, enfim, é também um processo da natureza. Longe de se opor, a experiência se integra no mundo da natureza. Não existe, portanto, o espírito como categoria distinta que fosse o sujeito da experiência contrapondo-se à natureza. Para ele a mente não constitui uma entidade ou coisa, seja cérebro ou substância espiritual; é apenas um conjunto de funções. A mente é, por isso, um aspecto do comportamento. Com isto Dewey pretende escapar à alternativa — espiritualismo ou materialismo — porque ambos, segundo ele são substancialistas. Mas desta forma Dewey parece esvaziar a mente humana de sua autêntica subjetividade, ao reduzir a experiência a um simples processo da natureza, pois que em sua opinião tudo o que é dado na experiência é, por isso mesmo, um traço da natureza. Afirmar com ênfase a continuidade essencial da experiência e da natureza torna-se uma das teses capitais da filosofia de Dewey, e define o aspecto radicalmente naturalista de sua metafísica da experiência. Assim, ele não hesita em afirmar em "Experience and Nature": ver o organismo na natureza, o sistema nervoso no organismo, o cérebro no sistema nervoso, o córtex no cérebro é a resposta aos problemas que obsedam a filosofia. E quando assim considerados é preciso vê-los não como coisas numa caixa, mas como os acontecimentos de uma história dentro de um processo crescente e jamais acabado. Tal é a profissão de fé naturalista de Dewey. Ainda assim, ele se defende de ser um puro materialista porque pretende reconhecer a especificidade dos diversos tipos de experiência. Contudo é difícil de se ver em que este emergentismo se afasta tanto assim de um materialismo. Certamente, o universo deweyano se apresenta como um universo

ricamente diferenciado e qualificado que, através do conceito de natureza, pretende reunir em si dialeticamente todos os contrários, tôdas as oposições e dualismos da tradição filosófica. Natureza é em seu modo de concebê-la a intersecção da espontaneidade e necessidade, o regular e o novo, o acabado e o emergente. É um mundo de emergências novas e irreduzíveis, embora saindo misteriosamente dos níveis inferiores, ou melhor, não há níveis inferiores, mas apenas qualitativamente diferenciados. Quase diríamos um universo spinoziano, dinamizado, onde não haveria, talvez, lugar para se distinguir uma "natura naturans" e uma "natura naturata", porque a natureza deweyana em tôdas as suas manifestações é sempre naturante. É um mundo de criatividades que se opõe à visão estática de um mecanicismo reducionista, onde o futuro já se encontraria previamente dado no presente. À diferença do materialismo clássico, Dewey se recusa a ver na matéria a substância última a que se reduziriam tôdas as outras formas de ser e atividade. Arte, religião, moral, os valores espirituais, enfim, têm direito de cidadania neste naturalismo, somente que eles não constituem um reino à parte ou transcendente à natureza. Estas experiências são valiosas na medida em que promovem um maior enriquecimento da experiência humana, mas somente o saber científico é que constitui o método unicamente válido de exploração cognoscitiva da realidade e o instrumento capaz de orientar o homem em sua ação. O homem, portanto, com tôdas as suas criações e valores pertence ao domínio dos processos simplesmente naturais. A natureza é assim a categoria suprema da metafísica de Dewey que engloba tôdas as formas da experiência. É através da experiência que a natureza adquire consciência de si mesma e o processus natural se torna inteligentemente orientado. Segundo Dewey esclarece em "Quest for Certainty", a atividade inteligente do homem não é alguma coisa que se introduz de fora na natureza, é esta mesma realizando suas próprias potencialidades, em vista de uma produção mais plena e mais rica de acontecimentos. No processo evolutivo, a experiência, que para emergir requer condições especiais, exprime a atualização máxima

da natureza. Nesta idéia de uma natureza que atinge a auto-consciência na experiência humana teríamos bem viva a marca da origem hegeliana de Dewey, a qual, segundo sua confissão, haveria deixado um depósito permanente em seu pensamento. Tais são, em síntese, os princípios desta metafísica naturalista, que se apresenta como um tipo de empirismo muito peculiar, porquanto pretendendo limitar-se ao método das ciências positivas, chega a uma visão total do universo que ultrapassa o que o método estritamente positivo permitiria afirmar.

Mas, o que é talvez mais característico da orientação geral do filosofar de Dewey é que ele não pretende de modo algum apresentar uma visão puramente especulativa do universo. A filosofia em sua concepção se afasta inteiramente do ideal helênico da contemplação pura. Se Plotino dizia: "A ação é um enfraquecimento da contemplação", Dewey retruca que todo conhecimento envolve ação. Para usarmos de seus próprios termos, a filosofia deve negar e rejeitar aquela inteligência que é nada mais do que um olho distante, registrando, num meio remoto e alheio, o espetáculo da natureza e da vida. Disso resulta o caráter instrumentalista de seu filosofar. Mas, seria falsear o genuíno pensamento de Dewey quem pretendesse ver no seu pragmatismo uma forma de puro e grosseiro utilitarismo. O que é próprio da concepção de Dewey é ver na filosofia, considerada como expressão máxima do pensamento crítico, um método ou guia da ação humana. Como observa Sidney Hook, se algumas teorias de Dewey são revolucionárias, a sua concepção da filosofia é tão velha como a de Sócrates, na medida em que a filosofia para ele é essencialmente uma pesquisa da sabedoria, uma análise da existência do ponto-de-vista do valor, uma crítica dos métodos pelos quais julgamos os modos e valores da experiência. É bem verdade que em sua busca pela sabedoria, Dewey jamais soube ou quis reconhecer o valor autônomo da contemplação, não se libertando de um ativismo, de um praticismo que se devem à tradição do espírito americano em geral e sua origem calvinista para a qual a contemplação pura é um ócio, um luxo pecaminoso do espírito. Na visão que Dewey se faz

do homem, este se encontra engajado num processo sem fim de adaptação e readaptação porque a vida exige continuamente uma reorganização das experiências e não existem valores ou verdades situadas num mundo transcendente e eterno que se constituíssem objeto de contemplação. Desde que não existe um reino de essências imutáveis, mas a natureza é um vir a ser indefinido e o próprio da experiência é a transformação incessante das situações, as idéias deixam de ser a mera expressão do que é, definindo-se pela sua relação de adequação ao ser, para se definirem, em sua validade e significação, com relação ao que vai ser. Daí o significado de seu pragmatismo que se caracteriza por sua referência ao futuro, ou seja, o conhecimento vale pelas suas conseqüências no curso da experiência. As idéias se tornam assim instrumentos de reorganização da experiência pela qual seu caráter de indeterminação e problematidade se transforma em algo de determinado e garantido. Por sua vez, os valores e ideais se definem em função da situação concreta e vêm a ser os elementos de que o homem dispõe a fim de projetar inteligentemente sua existência e sua ação. Não reconhecendo o valor de uma ação imanente, mas, limitando-se ao plano da ação transitiva, ele repele assim toda contemplação pura, como sendo uma espécie de fuga diante dos problemas da vida. Por isso não hesita em dizer que é melhor para a filosofia errar na participação ativa nas lutas e debates da vida de seu tempo do que manter uma imune e monástica impecabilidade. A filosofia deve, portanto, atirar-se à arena onde se desenrola a luta quotidiana da existência humana e ajudar o homem a encontrar a solução de seus problemas. E o problema central de seu filosofar, tal como escreve em "Quest for Certainty" é o problema de restaurar a integração e cooperação entre as crenças do homem, nas quais ele vive, e suas crenças sobre os valores e objetivos que deveriam dirigir sua conduta. O objeto da filosofia não deve ser um conhecimento especulativo da realidade que viesse sobrepor-se ao das ciências como um saber de tipo superior que nos revelasse os últimos fundamentos do ser. Tudo o que podemos conhecer sobre a realidade é a ciência que nos pode propor-

cionar. A filosofia se ocupa da sabedoria e esta, segundo Dewey, é a aplicação do que é conhecido à conduta inteligente da vida humana. Cabe a ela empreender a elaboração do sistema de valores que deve orientar o homem em sua existência, utilizando-se para isso dos resultados da ciência positiva. E todo esforço do filosofar de Dewey consiste em procurar ajustar a reflexão filosófica ao nível dos progressos da ciência moderna, admitindo êle que as condições e forças, que dominam de fato o mundo moderno, não atingiram ainda qualquer expressão intelectual coerente. Existiria assim um "décalage" entre os fatos e problemas do mundo atual e a filosofia tradicional que ainda mantemos. Seria preciso, portanto, eliminar este hiato e promover uma fundamentação puramente naturalista e à base do método científico, dos mesmos valores espirituais fundamentais de nossa civilização, e lutar por um mundo melhor onde o homem possa realizar-se em sua plenitude.

Dewey nesse particular é animado do mais profundo otimismo no que diz respeito à capacidade humana de aperfeiçoamento. Como êle afirma em seu livro "Reconstruction in Philosophy", o homem é capaz, se êle quer exercer a coragem, inteligência e esforço exigidos, de modelar seu próprio destino. Mas, para Dewey o objetivo do homem não é o limite ou um termo que é preciso atingir; é o processo ativo pelo qual se transforma a situação presente. O fim da vida não é a perfeição, mas o processus incessante de aperfeiçoamento. O crescimento indefinido se torna pois a aspiração fundamental de toda vida humana. A tarefa do futuro seria de explicar ao mundo moral e social estas idéias de desenvolvimento e crescimento indefinido, de possibilidades sem limites, de liberação individual e coletiva. A ciência nos permitiu agir sobre a natureza e transformá-la; que ela aplique desde então seus métodos e critérios pragmatistas ao homem; que ela faça a educação do homem e prepare a democracia. Não basta desenvolver a ciência da natureza e a indústria que dela resulta; é preciso também transportar os novos métodos ao domínio social. Então, "o ciclo do desenvolvimento científico será terminado, a reconstrução filosófica será um fato

consumado". O divórcio dos valores e dos fatos, do ideal e do real, será eliminado. Tal é o filosofar de Dewey, inspirado num pragmatismo científico, animado de um otimismo ativo, motivado pelo culto da liberdade e por um desejo ardente de promover uma organização social bastante flexível para permitir o desenvolvimento do indivíduo, bastante forte para enquadrá-lo no grupo e fazê-lo participar da cooperação criadora. A filosofia ao serviço dos mais nobres ideais humanos de liberdade e cooperação, tal seria o sentido desse pragmatismo idealista que crê religiosamente no poder de auto-aperfeiçoamento do homem.

Não é aqui certamente o lugar indicado para se intentar uma crítica da filosofia de Dewey, quando justamente prestamos uma homenagem à sua memória. Mas se, como dizia Lachelier, a primeira condição para se compreender um sistema é instalar-se nêle, e a segunda é sair dêle, não nos é possível deixar de propor algumas observações críticas a título de aporias. Um estudo da filosofia de Dewey nos revela desde logo um certo conflito latente entre sua epistemologia empirista e sua metafísica, entre seu idealismo prático dos valores e seu método estritamente naturalista e positivo. Com efeito, se o único método válido, capaz de fornecer "certezas garantidas", é o método científico e se este método se define pelo critério da verificação experimental, como é possível fazerem-se afirmações metafísicas sobre a natureza como totalidade, uma vez que tais afirmações, pelo seu caráter metafísico, escapam a todo e qualquer controle pela verificação empírica? Neste caso, todas as asserções fundamentais da metafísica naturalista de Dewey teriam um mero caráter de hipóteses a espera de um dia serem verificadas pelo método científico. Mas, uma teoria metafísica da realidade total não poderia ser, por definição, verificada pelo método científico positivo. Além disso, como seria possível fundamentar-se todo um sistema de valores que devem orientar a existência humana à base somente de hipóteses? Isto equivaleria a resvalar para um "als ob" cuja aceitação implicaria uma pura decisão arbitrária ou pelo menos aventureira e que não justificaria racionalmente nenhum otimismo sobre os destinos do homem. Dewey pretende

haver superado o dualismo kantiano de natureza e liberdade, integrando-os em sua noção de experiência. Mas é justamente esta pretensão que suscita as maiores dificuldades. Para isso teria sido preciso demonstrar que os juízos de valor são empíricos na mesma forma que são os juízos científicos; mostrar como imperativos éticos podem ser derivados de constatações científico-positivas. E nisto reside precisamente a dificuldade central de todo naturalismo ético, empirista como o de Dewey. Porque enquanto penso o universo em função das categorias do entendimento puro não posso deixar de concebê-lo como um conjunto de processos submetidos a uma legalidade universal. Esta é, com efeito, a visão inerente ao pensamento científico positivo. Neste caso, meu ser como realidade empírica está sujeito às mesmas leis que o resto dos processos naturais. Mas, por outro lado, na ação moral eu me apreendo como sujeito que se propõe fins e ideais, e portanto, dotado de autodeterminação, de liberdade. Assim sendo, transcendendo o mundo da natureza, porque não teria sentido falar-se de ideais e valores para um ser que nada mais é que um processo natural, submetido ao determinismo da natureza. Dewey começa por conceber a vida humana segundo o modelo biológico da adaptação natural e em seguida com o auxílio do método científico pretende justificar os valores que dão sentido e conteúdo realmente humano à existência do homem. Pelo que se torna patente o paradoxo de sua doutrina, já destacado por Gotschalk. De um lado, ao esforçar-se por libertar o homem de toda referência ao supra-sensível ou ao sobrenatural e concentrar-se no propósito de promover a exaltação e progresso do homem, o naturalismo é uma doutrina essencialmente antropocêntrica e humanista. Todavia, na medida em que o homem para o naturalismo não passa de um processo dentro da natureza, ele se torna francamente anti-humanista quanto ao posto do homem no cosmo. Porque, como é possível à base do método científico, que encara apenas relações funcionais de causa e efeito, descobrir-se um valor especial e único à existência humana dentro do universo que justificasse esse ato de fé na condição humana e sua dignidade que é a filosofia de Dewey? É que o valor

da vida humana é uma tese da metafísica de Dewey ou uma crença profundamente arraigada em seu espírito, mas não um resultado que se impusesse pela análise científica.

Mas certamente que estes conflitos, que aliás se notam em todas as grandes filosofias, em nada desmerecem do valor e importância da obra de Dewey. O grande esforço que representa sua filosofia para a solução dos problemas do homem não pode deixar-nos indiferentes numa época em que tantos perigos ameaçam dramaticamente os valores mais caros da tradição ocidental. Sem dúvida que para muitos esta filosofia da experiência se ressentia de uma certa densidade ontológica, carecendo sua concepção do homem do sentido das dimensões trágicas da vida. Por outro lado acreditamos que sua posição rigorosamente naturalista se afigura insuficiente para uma fundamentação dos valores supremos que orientam o espírito em seu peregrinar histórico e é realmente incapaz de satisfazer as exigências de absoluto próprias deste mesmo espírito. Mas as refutações que se fizeram de Dewey (Hegel costumava dizer que nenhum sistema jamais foi inteiramente refutado) não atingirão o valor e a fecundidade de suas contribuições tanto para a filosofia como para a ação e o pensamento pedagógicos. E se, como dizia Péguy, uma grande filosofia não é uma filosofia que não é contestada, mas uma filosofia que vence de alguma maneira; não é uma filosofia sem mácula, mas uma filosofia sem medo; não é aquela contra a qual nada se tem a dizer, mas aquela que disse alguma coisa, então poderemos afirmar que Dewey nos legou uma grande filosofia.